

# Discurso contradiz passado combativo

SÔNIA CARNEIRO E  
EUGÊNIA LOPES.

BRASÍLIA — O endurecimento do discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso, acusando seus opositores e os invasores de imóveis, terrenos e prédios públicos de baderneiros que ameaçam a democracia, diferem dos artigos e pronunciamentos feitos por ele nos nove anos em que foi senador, de 1983 a 1992. Fernando Henrique sempre foi um defensor da mobilização de rua como estratégia de pressão política. Em artigo de março de 1984, Fernando Henrique chegou a justificar as invasões como consequência do arrocho salarial.

“Há dados suficientes para mostrar que a questão das invasões reaparece com força quando a política salarial e quando a política habitacional deixam de proteger os desfavorecidos, dando margem a reajustes de aluguéis que tornam inviáveis o pagamento pela camada mais baixa da população”, dizia Fernando Henrique.

As mobilizações de rua eram insufladas por Fernando Henrique para combater o regime militar e como medida de pressão necessária para a aprovação da emenda das diretas-já. Quando o então ministro do Exército, Walter Pires, no governo João Figueiredo, tachou de “minorias radicais” os que defendiam as eleições diretas, Fernando Henrique argumentou: “Na democracia, o choro é livre”. E continuou a defender a pressão popular. “Um dia a autonomia da rua se sobreporá às artimanhas palacianas.”

**Baderna, não** — “Só a população mobilizada impedirá que, da derrubada administrativa, os adversários da democracia passem à derrubada das instituições”, afirmava em 1984, criticando o Colégio Eleitoral. Quando o presidente Figueiredo considerou “baderna” os comícios pelas diretas-já, o então senador rebateu: “Quem considera baderna esta mobilização demonstra apenas que de democracia tem horror”. Quando a mobilização popular se transformou em impasse, insistia: “Sem pressão popular e definição estratégica das lideranças oposicionistas, que inclua a pressão popular na redemocratização, ficará

tudo como dantes no quartel de Abrantes”.

Recomendou ainda, em maio de 1984, novos avanços na luta das oposições das quais ele então fazia parte. “Não é o momento para as oposições dormirem nos louros das mobilizações passadas”, disse, referindo-se ao sucesso da batalha contra a ditadura.

Ao criticar a inércia do governo Figueiredo, Fernando Henrique Cardoso chegou a dar um ultimato ao general. “Se num prazo de dois ou três meses não mudar o ministério e tomar decisões mais maduras, a situação ficará complicada”, ameaçou ele, em 1983. E conclamou o PMDB a radicalizar. “Nós temos material de sobra para atitudes muitíssimo mais agressivas.”

**Renúncia** — Em 26 de fevereiro de 1986, Fernando Henrique era líder do governo Sarney no Senado quando deu uma explosiva entrevista ao **JORNAL DO BRASIL** que provocou sua renúncia ao cargo. “O PMDB deve trocar o governo pelas ruas”, pregava o líder.

Também lutava contra o imobilismo. “Sem mobilização popular, a discussão política está condenada à guilhotina das manobras parlamentares de um Congresso controlado pelo PDS e habituado a governar pelo casuismo das interpretações”, protestava em junho de 1984, durante a votação da emenda Figueiredo.

No plenário do Senado, lembrou, em discurso de 9 de novembro de 1991, a aprovação do mandato de cinco anos para Sarney. Fernando Henrique mal sabia que anos depois viria a defender sua própria reeleição. “Não entendo os homens quando estão no poder que não percebem, às vezes, que a grandeza é melhor para eles próprios do que aferrar-se mesquinamente a um dia a mais de mandato ou a uma forcinha a mais do exercício do poder.”

Dois anos antes de lançar o Plano Real, Fernando Henrique era crítico ferrenho da “obsessão” pela inflação zero. “Nossa obsessão tem que ser o nível de pleno emprego e outra mais: a capacidade do país de criar esperanças para as populações mais pobres”, afirmou o senador, durante discurso em 19 de março de 1991.